



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ISABELLA DANIEL PEREIRA

**O BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR
DA BNCC**

**GUARABIRA/PB
2025**

ISABELLA DANIEL PEREIRA

**O BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA
BNCC**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (Campus – III), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de Concentração: Fundamentos da Educação e formação docente

Orientador(a): Profa. Dr^a. Kamila Karine dos Santos Wanderley.

**GUARABIRA-PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436b Pereira, Isabella Daniel.
O brincar livre na educação infantil [manuscrito] : reflexões
a partir da BNCC / Isabella Daniel Pereira. - 2025.
30 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Kamila Karine dos Santos
Wanderley, Departamento de Educação - CH".

1. Brincar livre. 2. BNCC. 3. Fundamentos da educação. 4.
Ludicidade. I. Título

21. ed. CDD 371.387

ISABELLA DANIEL PEREIRA

O BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA BNCC

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (Campus – III), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e formação docente

Aprovada em: 30/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Kamila Karine dos Santos Wanderley** (***.380.574-**), em **09/06/2025 08:27:18** com chave **b3cb7d70452411f087102618257239a1**.
- **Emerson Mayk Cristiano dos Santos** (***.063.034-**), em **09/06/2025 10:05:58** com chave **7c2a3c18453211f0a7d006adb0a3afce**.
- **Maria Janilma Pereira Nogueira** (***.684.374-**), em **09/06/2025 13:30:26** com chave **0c9015cc454f11f0b9d41a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 10/06/2025

Código de Autenticação: b25f22



A Deus que me deu forças para prosseguir e a minha mãe que nunca mediu esforços para que eu buscasse meus sonhos e me ensinou o valor dos estudos, DEDICO.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos e Monografias utilizados para destacar as principais informações sobre o brincar livre na educação infantil.....	22
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	- Lei de diretrizes e bases da educação nacional
ONU	- Organização das Nações Unidas
TEA	- Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 METODOLOGIA.....	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3.1 O Brincar Livre no contexto escolar.....	13
3.2 Lúdico, Ludicidade e Brincar Livre.....	15
4 RESULTADOS.....	18
4.1 O que a BNCC diz sobre o Brincar Livre na Educação Infantil?.....	18
4.2 Possibilidades para o Brincar Livre na Educação Infantil.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

O BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA BNCC

FREE PLAY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: REFLECTIONS BASED ON THE BNCC

Isabella Daniel Pereira^{1*}

Kamila Karine dos Santos Wanderley^{2*}

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo avaliar a relevância do brincar livre na educação Infantil, levando em consideração as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sua relação com o desenvolvimento contínuo das crianças. Seguido de tais objetivos específicos que buscam: Entender as diferenças entre o lúdico e a ludicidade no contexto da educação Infantil; Avaliar como o brincar livre é destacado na BNCC e sua articulação com o desenvolvimento infantil; Descrever as distintas possibilidades do brincar livre a partir da perspectiva de pesquisas sobre ludicidade e práticas pedagógicas. Assim sendo, de que forma o brincar livre, conforme descrito pela BNCC, pode auxiliar para o desenvolvimento total das crianças na educação Infantil? O estudo trouxe uma abordagem qualitativa, de parâmetro explicativo, por meio de revisão bibliográfica e documental. A avaliação dos documentos legais em destaque a BNCC e de obras de autores que descrevem essa abordagem. Os autores que embasaram esse estudo foram Froebel (2003), Gil (2002), Gonzaga (2009), Kishimoto (2011), Piaget (2017), garantindo uma percepção ampla e atualizada da temática, compreendendo as conquistas e os conflitos ocorridos no decorrer desses estudos. Assim, revelou que, embora a BNCC compreenda o brincar como elemento chave da educação infantil, não há um destaque claro no conceito de “brincar livre”. As discussões descrevem que é importante repensar o currículo da educação infantil, valorizando práticas pedagógicas que agreguem o brincar livre como cenário importante do processo educativo. Conclui-se que o brincar livre necessita ser mais valorizado nas políticas educacionais, com planejamento apropriado e formação de professores que respeitem o protagonismo infantil.

Palavras-Chave: Brincar livre; BNCC; Fundamentos da educação; Ludicidade.

ABSTRACT

The research aims to evaluate the relevance of free play in early childhood education, taking into account the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC) and its relationship with the continuous development of children. Followed by such specific objectives, it seeks to: Understand the differences between play and playfulness in the context of early childhood education; Evaluate how free

^{1*} Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: isabelladaniel2001@gmail.com

^{2*} Professora Orientadora do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: kamilakarinesw@servidor.uepb.edu.br

play is highlighted in the BNCC and its articulation with child development; Describe the possibilities of free play from the perspective of research on playfulness and pedagogical practices. Therefore, in what way can free play, as described by the BNCC, help the total development of children in early childhood education? The study brought a qualitative approach, with an explanatory parameter, through a bibliographic and documentary review. The evaluation of the legal documents highlighted in the BNCC and the works of authors who describe this approach. The authors who supported this study were Froebel (2003), Gil (2002), Gonzaga (2009), Kishimoto (2011), and Piaget (2017), ensuring a broad and up-to-date perception of the topic, understanding the achievements and conflicts that occurred during these studies. Thus, it revealed that, although the BNCC understands play as a key element of early childhood education, there is no clear emphasis on the concept of “free play”. The discussions describe that it is important to compensate the early childhood education curriculum, valuing pedagogical practices that include free play as an important scenario in the educational process. It is concluded that free play needs to be more valued in educational policies, with adequate planning and teacher training that respects children's protagonism.

Keywords: Free play; BNCC; Fundamentals of education; Playfulness.

1 INTRODUÇÃO

Naturalmente, a infância é um dos primeiros passos para o desenvolvimento humano, caracterizado por descobertas e informações importantes (Dias; Correia; Marcelino, 2013). Deste modo, o brincar é crucial na vida de toda e qualquer criança, não sendo assim apenas um passatempo ou brincadeira, mas um importante e essencial mecanismo de desenvolvimento cognitivo, emocional e social (Oliveira, 2022). Vale destacar ainda que o brincar está presente em todas as etapas da vida, não se limitando só na infância, tornando um mecanismo primordial que surge e causa sentimentos como a felicidade desde os primeiros meses de vida (Queiroz; Maciel; Branco, 2006).

O brincar, sejam elas por meio de brinquedos, jogos de tabuleiro ou brincadeiras cotidianas são repassadas a cada geração. Quando descrevemos sobre a infância, as primeiras memórias que vêm no pensamento costumam ser lembranças no qual as brincadeiras e os jogos se fazem presentes, marcando essas tapa da vida por meio de bonecas, carros, bambolês, ioiôs, pique-esconde, bolas, casinha, pião, pega-pega, entre outros (Jurdi; Silva; Liberman, 2018). Cada uma dessas brincadeiras ou brinquedos ajuda para a noção de conhecimento do mundo e de nós mesmos, além de melhorar nossa interação com a sociedade.

Entre diferentes meios de brincar, vem se destacando o brincar livre, marcado pela autonomia. Essa independência trata-se de dar a liberdade para a criança fazer suas próprias escolhas e conduzir a brincadeira sem interferência direta de um adulto (Oliveira, 2022). De modo inverso da brincadeira determinada, o brincar livre valoriza a elaboração da informação da criança, dela mesma e do mundo, descrevendo suas emoções e aprendendo a lidar com as dos demais incentivando o poder de decisão, a socialização e a imaginação, instigando os sentimentos de empatia e de respeito (Martins; Santos Silva, 2023).

Já no meio da educação infantil, o brincar livre tem que se fazer presente e é predominante baseado pela escolha da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

como documento de destaque, em consentimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), justificando-se assim pela centralidade que a BNCC se comprometeu no cenário educacional brasileiro por meio de sua homologação em 2017 (Brasil, 2017). Logo, a BNCC determina os direitos de aprendizagem e desenvolvimento para a educação Infantil de forma normativa e obrigatória, orientando a organização curricular em todo o território brasileiro, as DCNEI detém um parâmetro mais abrangente e orientador, sem a mesma diretriz de regulamentação prática.

A BNCC delimita com maior objetividade os campos de experiência, os objetivos de aprendizagem e os direitos das crianças, destacando o brincar livre como um princípio pedagógico essencial a ser garantido pelas instituições (Tiriba; Santos, 2023). Conforme descrito em seus eixos estruturantes, a BNCC destaca que a proposta pedagógica da educação Infantil deve garantir, entre outros pontos, o direito ao brincar, à socialização e à interação, essenciais para o desenvolvimento da independência, do respeito e do bem-estar físico e mental das crianças (Brasil, 2017).

Determinar a BNCC como principal base normativa facilita alinhar este estudo às diretrizes curriculares atualmente exercidas, além de estabelecer uma análise mais precisa das práticas pedagógicas decorrentes das políticas públicas educacionais atuais (Filipe; Silva; Costa, 2021). Essa ação aumenta o diálogo entre teoria e prática, confirmando que o brincar livre não é apenas uma atividade lúdica, mas sim um direito da criança e um eixo fundamental para seu desenvolvimento integral.

Assim sendo, surge a seguinte reflexão: De que forma o brincar livre, conforme descrito pela BNCC, pode auxiliar para o desenvolvimento total das crianças na educação Infantil? Para responder às problemáticas deste estudo, tem como fundamento o objetivo geral: Investigar a importância do brincar livre na educação Infantil, tendo como diretrizes as orientações da BNCC, e sua relação com o desenvolvimento integral das crianças. Seguido de tais objetivos específicos que buscam: Entender as diferenças entre o lúdico e a ludicidade no contexto da educação Infantil; Avaliar como o brincar livre é destacado na BNCC e sua articulação com o desenvolvimento infantil; Descrever as distintas possibilidades do brincar livre a partir da perspectiva de pesquisas sobre ludicidade e práticas pedagógicas.

A justificativa desta pesquisa se deu após ficar notório, em minha experiência como auxiliar de turma, a falta de brincadeiras nas práticas educacionais no cotidiano escolar. A sobrecarga física e mental dos docentes por motivos de cobranças do sistema e de seus superiores pelo aprendizado, pela alfabetização e pelo letramento da criança, muitas vezes não permitia que esse brincar fosse garantido em sala de aula. Quando se tinha o uso de práticas lúdicas, eram através de jogos e brincadeiras totalmente dirigidas pelo professor, composta de regras, com intuito pedagógico e metas traçadas, sem incentivar a criatividade, a imaginação e a liberdade de expressão e de sentimentos da criança.

Com isto, o uso do brincar livre era ainda mais invisibilizado pois, muitos professores, ainda o consideravam como um passatempo, uma diversão apenas. Além do mais, o brincar livre precisa ser reconhecido como elemento essencial ao desenvolvimento integral da criança, e não apenas como atividade recreativa desconectada de propósitos pedagógicos.

Diante dos debates sobre o brincar livre e suas informações para a educação infantil, o fundamento do trabalho se dá após contextualizar a vivência ainda

observada no cotidiano pelos educadores que contém uma sobrecarga de incontáveis demandas que geram sobrecarga física e mental, por essa circunstância, muitas das vezes fazem o uso do brincar livre como passatempo para as crianças e para agregarem suas cargas horárias sem reconhecer a real magnitude deste brincar (Costa, 2021; Oliveira, 2022). Ademais, se fez ainda mais necessário a pesquisa quando ficou perceptível que alguns outros professores não compreendem quais os benefícios do brincar livre inserido na educação infantil, muito menos apoiam esta prática em sala de aula valorizando, apenas, as metodologias tradicionais que geram menos conflitos para serem solucionados (Queiroz; Maciel; Branco, 2006; Costa, 2021).

Sendo assim, para que se alcancem uma melhor compreensão da temática, o trabalho foi elaborado da seguinte forma: metodologia; referencial teórico 3.1 O Brincar Livre no Contexto Escolar e 3.2 Lúdico, Ludicidade e Brincar Livre; Resultados e Discussões dividido em 4.1 O que a BNCC diz sobre o brincar livre na Educação Infantil? e 4.2 Possibilidades para o brincar livre na Educação Infantil e, por fim, as Considerações Finais.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa, se destaca como uma pesquisa qualitativa, com caracterizada como revisão sistemática integrativa da literatura, no qual configura-se como um método de trabalho que tem por obrigação integrar e sistematizar dados de pesquisas preliminares de maneira completa e conjunta (Campbell *et al.*, 2020; Sampaio *et al.*, 2022). Dessa forma, uma análise bibliográfica integrada representa um instrumento valioso para a compilação de saberes em âmbitos científicos e de atuação profissional (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

O propósito deste estudo se deu em analisar o brincar livre na educação infantil, à luz das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O método adotado neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica e documental, que buscam encontrar dados verídicos a partir de obras já publicadas que abordaram essa temática (Ana; Lemos, 2018; Batista; Kumada, 2021). A pesquisa bibliográfica se deu através de livros e artigos, enquanto a documental se fez a partir de documentos legais, - BNCC e DCNEI - que baseiam a Educação Infantil.

Sobre a pesquisa bibliográfica, Andrade (2010) afirma que ela:

Constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizaram pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (Andrade, 2010, p. 25).

Diante disso, foram analisadas as obras de autores que se destacam com seus pensamentos, estudos e pesquisas sobre o tema abordado. Autores esses renomados e que trouxeram contribuições tanto para as crianças quanto para a educação infantil com suas publicações. Esta pesquisa fez uso dessas fontes secundárias escritas por Froebel (2003), Gil (2002), Gonzaga (2009), Kishimoto (2011), Piaget (2017), dentre outros.

As obras que embasaram esse estudo foram publicadas entre 1959 à 2025, garantindo uma percepção vasta, histórica e atualizada da temática, compreendendo as conquistas e os conflitos surgidos no decorrer desses anos. Além do mais, este estudo tem caráter explicativo e de natureza qualitativa, pois busca compreender e explicar a significância do brincar livre diante a BNCC e como esse brincar se relaciona com a Educação Infantil.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste momento, apresentaremos a parte teórica da pesquisa, fundamentada em livros, artigos científicos e discussões de autores(as). A discussão será dividida em dois tópicos principais: 3.1 O Brincar Livre no Contexto Escolar e 3.2 Lúdico, Ludicidade e Brincar Livre.

3. 1 O Brincar Livre no Contexto Escolar

A Declaração Universal dos Direitos da Criança, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1959 e reafirmada pela Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989, estabelece um direito essencial: "toda criança tem direito a brincar e a se divertir, sendo papel das entidades e das autoridades públicas garantir a plena efetivação desse direito" (ONU, 1959; 1989). Esse princípio internacional reconhece que o brincar vai além de um simples momento de lazer, sendo um direito humano fundamental para o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança (Alana, 2022).

No Brasil, esse direito é amplamente assegurado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído em 1990 (Brasil, 1990). O artigo 16 do ECA garante a liberdade da criança, incluindo explicitamente o direito ao brincar. Esse reconhecimento é fundamental, pois não apenas legitima as brincadeiras e atividades lúdicas, mas também reforça seu papel essencial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, contribuindo para a aprendizagem e a construção de vínculos afetivos.

Nesse sentido, Cotonhoto, Rossetti e Missawa (2019) destacam que as brincadeiras livres, em particular, desempenham um papel fundamental, permitindo que as crianças explorem o mundo ao seu redor de forma espontânea e criativa. Afirmando que

Em diversos espaços, os jogos e brincadeiras possibilitam às crianças a construção do seu próprio conhecimento, pois oferecem condições de vivenciar situações-problemas, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança uma vivência no tocante às experiências com a lógica e o raciocínio e permitindo atividades físicas e mentais que favoreçam a sociabilidade e estimulem as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas. (Cotonhoto, Rossetti, Missawa; 2019, p.41).

Vygotsky (1998) e Piaget (2017) destacam o brincar livre como essencial para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança. Para Vygotsky (1988), essa atividade estimula funções psicológicas superiores, como a linguagem e o pensamento abstrato, além de possibilitar a experimentação de papéis sociais. Ele critica teorias que desconsideram a função do brinquedo, argumentando que isso significa ignorar as reais necessidades infantis.

Já Piaget (2017) enfatiza que o brincar permite à criança compreender a

realidade e integrá-la à fantasia, funcionando como um meio de experimentação e construção do conhecimento. Além disso, ele classifica os jogos infantis em três categorias: *jogos de exercício*, ligados ao desenvolvimento motor; *jogos simbólicos*, que envolvem imaginação e simulação; e *jogos de regras*, fundamentais para a socialização (Piaget, 2017). Este último tipo se estende ao longo da vida, pois ensina a seguir normas e a atuar em objetivos coletivos.

Para ambos os autores, o brincar livre não é apenas uma forma de lazer, mas um elemento fundamental na formação da criança, contribuindo para sua autonomia e desenvolvimento contínuo. Ao brincar, a criança não apenas reproduz o mundo ao seu redor, mas também o ressignifica, criando novas interpretações e ampliando suas capacidades de raciocínio e interação.

Conforme aponta Nascimento *et al.* (2022, p. 1540):

Através do brincar é possível desenvolver as potencialidades individuais como também trabalhar suas limitações. O brinquedo é um objeto facilitador, podendo ser utilizado em diferentes contextos, tais como o brincar livre, terapêutico ou pedagógico. A brincadeira representa a realidade que a rodeia em forma de faz de conta, criação e imaginação.

Já no contexto escolar, quando os professores incorporam o brincar livre à rotina das crianças, reconhecendo-o como parte essencial da aprendizagem, eles criam um ambiente mais prazeroso e significativo para o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o professor deixa de ser apenas um transmissor de conhecimento e passa a ser um mediador das experiências, respeitando as individualidades das crianças e promovendo uma educação mais criativa, respeitosa e humanizadora, assim como destaca Gonzaga (2009, p. 39):

A essência do bom professor está na habilidade de planejar metas para aprendizagem das crianças, mediar suas experiências, auxiliar no uso das diferentes linguagens, realizar intervenções e mudar a rota, quando necessário. Talvez, os bons professores sejam os que respeitam as crianças e, por isso, levam qualidade lúdica para a sua prática pedagógica.

Sendo assim, é fundamental que o lúdico seja mais valorizado no ambiente escolar e inserido nas atividades preparadas pelos docentes. Muitas vezes, práticas tradicionais de ensino, focadas na transmissão de conteúdo de forma rígida, não dão espaço para o protagonismo das crianças, resultando em um processo de aprendizagem desmotivador.

Como afirma Teixeira e Volpini (2014), o brincar livre promove para a criança a oportunidade de explorar o seu entorno de maneira lúdica e prazerosa, permitindo que suas capacidades cognitivas, motoras e afetivas se desenvolvam de forma integrada. Reforçando a importância de criar ambientes nos quais as crianças possam brincar livremente, sem a intervenção constante de regras impostas por adultos. Através dessas interações espontâneas, as crianças aprendem a negociar, resolver conflitos e se socializar, construindo suas próprias formas de compreender o mundo.

Portanto, o brincar livre deve ser visto como uma ferramenta indispensável tanto para o desenvolvimento infantil quanto para a prática pedagógica. Um aluno não pode ser apenas um receptor de conhecimento; ele deve ser alguém que, por meio do brincar, desenvolve o conhecimento de si, do outro e do mundo. Da mesma forma, o professor deve atuar como um condutor de novas aprendizagens, utilizando o jogo e a brincadeira como práticas educacionais que estimulam a

curiosidade, a criatividade e a participação (Ribeiro, 2013).

Pazutti (2018) destaca uma perspectiva importante ao debater o brincar livre como um local de autoria infantil, no qual as crianças criam narrativas autênticas e colocam significados pessoais às suas situações. A autora menciona que, quando a escola fornece um espaço para essa ação de expressão espontânea, fornece para os alunos não só reproduzir o mundo, mas o elaborem por meio deles o faz de conta, descrevendo como observam e recriam sua realidade.

Um ponto importante apontado por Pazutti (2018) é a necessidade de os educadores demonstrarem uma postura de observação atenta e não intervencionista durante as brincadeiras livres. Ela ainda descreve que, muitas vezes, a ansiedade em direcionar atividades ou corrigir comportamentos interfere que as crianças explorem todo o potencial criativo e socializador do brincar. Essa visão reforça a importância de um ambiente escolar que acolha a espontaneidade infantil sem tentar moldá-la excessivamente.

O estudo também destaca como a organização do tempo e do espaço nas instituições de ensino pode ajudar ou prejudicar o brincar livre. Pazutti (2018) descreve que rotinas fragmentadas e ambientes muito estruturados limitam as oportunidades para brincadeiras espontâneas e prolongadas, que são justamente as que permitem às crianças desenvolverem maior concentração, negociação entre pares e elaboração de regras próprias.

O brincar livre na escola não deve ser visto como atividade complementar, mas como experiência central no processo educativo, como descrito por Pazutti (2018, p. 14):

A brincadeira simbólica das crianças permite a elas trazer à luz sonhos e fantasias que, uma vez que não são mais contidos, podem ser examinados e estudados, até alterados pela interferência de outra pessoa. Temos que preservar o tempo e o espaço para as crianças brincarem, incentivando-os o amor e a amizade, as características que o brincar alimenta.

Portanto, o brincar livre deve ser considerado não apenas como uma atividade complementar, mas como uma ferramenta indispensável para a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos alunos. Ao reconhecer o brincar como um direito fundamental, as instituições educacionais são desafiadas a repensar práticas pedagógicas tradicionais e a promover espaços onde a criatividade, a curiosidade e o protagonismo infantil possam florescer. Essa reflexão abre caminho para uma análise mais aprofundada do contexto da criança na Educação Infantil, tema que será visto no próximo tópico.

3.2 Lúdico, Ludicidade e Brincar Livre

No universo da educação, muitos conceitos parecem semelhantes à primeira vista, mas possuem singularidades importantes. Entre eles, destacam-se as diferenças entre o lúdico, a ludicidade e o brincar livre. Embora todos estejam relacionados a jogos e brincadeiras, cada um apresenta características e abordagens próprias, influenciando de maneira distinta as experiências educacionais e sociais. O brincar livre, em especial, se destaca por sua capacidade de proporcionar à criança a oportunidade de explorar sua criatividade, autonomia e interação com o meio, sem a mediação direta de regras pré-estabelecidas. Esse tipo de brincadeira aproxima-se de uma perspectiva mais espontânea e emancipatória do aprendizado, em que a criança se torna protagonista de suas escolhas,

desenvolvendo habilidades sociais, cognitivas e emocionais de forma mais autônoma e genuína.

Como destacam Niles e Socha (2014), o conceito de “lúdico” refere-se à característica de uma atividade que busca despertar a diversão, o prazer, a satisfação e o entretenimento. Ele está associado à utilização de jogos, brinquedos e brincadeiras para promover aprendizado e desenvolvimento pessoal, emocional, cognitivo e social dos indivíduos. Na educação infantil, o lúdico se configura como uma ferramenta pedagógica essencial, facilitando o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, o brincar livre transcende essa noção, pois não está limitado ao uso de recursos ou regras definidas, mas sim à liberdade de expressão e de vivência da criança.

Em contraste, Massa (2015) disserta que a “ludicidade” possui um conceito mais amplo, envolvendo não apenas as atividades lúdicas e seus recursos, mas também os sentimentos e as experiências subjetivas despertadas em cada indivíduo. A ludicidade, portanto, refere-se ao aspecto interno, emocional e único da vivência de jogos e brincadeiras. Ela não se resume ao que se faz, mas ao que se sente e se aprende no processo, sendo vivida de maneira singular por cada pessoa.

Nesse sentido, ao se conectar com o brincar livre, a ludicidade propõe um espaço onde a criança, ao agir sem imposições externas, possa construir seu próprio entendimento do mundo e de si mesma, valorizando uma educação que respeita sua capacidade de criar, explorar e se expressar de forma genuína e espontânea. Como explica Luckesi (2014, p. 18):

Ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das brincadeiras. Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem.

A ludicidade é subjetiva e pode emergir de uma ampla variedade de experiências, dependendo da forma como cada indivíduo as vivencia. Essa subjetividade é comparada por Aguiar, Vieira e Maia (2018) a um sentimento universal: a “paixão”. Tal analogia reforça a ideia de que, assim como a paixão, a ludicidade é efêmera e inesperada, sendo profundamente pessoal e desafiadora de explicações.

Além disso, a ludicidade está intrinsecamente associada ao desenvolvimento da criatividade, imaginação, jogos, brincadeiras, danças e múltiplas práticas e linguagens, que envolvem o ser humano em vivências e experiências plenas. Ao considerar as diversas formas de expressão desse conhecimento em contextos como o ensino ou ambientes terapêuticos, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem emotiva para compreender sua riqueza e diversidade. (Aguiar; Vieira; Maia, 2018).

A ludicidade, enquanto experiência subjetiva e interna, tem sido objeto de diversas reflexões no campo educacional. Bacelar (2009), por exemplo, nos oferece uma perspectiva sobre como essa vivência lúdica contribui para o aprendizado de maneira criativa e pessoal. Ela enfatiza que a ludicidade vai além da simples realização de uma atividade, sendo uma experiência vivida de forma mais completa e integrada. Como ela afirma:

Através da vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na

verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira (Bacelar, 2009, p. 26).

A ludicidade, assim como o brincar livre, não pode ser apenas observada ou expressa por terceiros; ela precisa ser sentida e traduzida por quem a vivencia. Essas formas de manifestação dependem profundamente da história de vida, das experiências e do contexto de cada indivíduo. No cenário educacional brasileiro, a ludicidade se destaca como um elemento fundamental, especialmente na educação infantil, sendo essencial para o desenvolvimento integral das crianças.

A infância é uma das fases mais importantes na formação das pessoas, e por isso as brincadeiras são um recurso essencial no processo de aprendizagem (Froebel, 2003, p. 45). Ele nos lembra que, ao brincar, a criança não apenas se diverte, mas também expressa suas emoções, explora sua criatividade e aprende sobre o mundo ao seu redor. Nesse contexto, as brincadeiras livres desempenham um papel essencial, permitindo que as crianças escolham o que, quando e com quem brincar, sem restrições. Essa liberdade de escolha favorece um desenvolvimento mais espontâneo e autêntico.

Além disso, Froebel (2003, p. 47) também destaca que o brincar é “o produto mais puro e significativo dessa fase da vida, porque é uma manifestação espontânea da criança”. Esta perspectiva reforça a necessidade de se criar ambientes educativos que acolham e incentivem a ludicidade, com foco nas brincadeiras livres. Proporcionando um espaço onde as crianças possam explorar suas próprias ideias e interesses, os educadores contribuem para um crescimento significativo e genuíno.

Em qualquer contexto, o brincar livre não pode ser negligenciado na educação infantil. Nascimento *et al.* (2022, p. 1540) afirmam que “a criança, quando brinca, ativa as funções cerebrais; através do brincar, ela descobre novas formas de perceber o mundo, aprende a organizar seus pensamentos e sentimentos e desenvolve uma compreensão mais ampla de si mesma e do que a cerca”. Ao permitir que as crianças brinquem livremente, os educadores estão proporcionando um espaço vital para que elas se descubram e se conectem com o mundo de forma profunda.

O lúdico, portanto, não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma ferramenta pedagógica poderosa. Quando integrado de forma intencional e sensível no ambiente escolar, ele transforma o aprendizado, tornando-o mais interativo e dinâmico, enquanto contribui para um desenvolvimento mais completo e significativo.

Moyles (2006, p.124) destaca:

As crianças, por meio do brincar, podem seguir adiante em seu próprio ritmo, fazer escolhas e desenvolver autoconfiança. Por meio do brincar, as crianças podem tentar e tentar novamente até terem sucesso ou decidirem o momento de pedir ajuda, de desistir ou de modificar planos e intenções, sem sentir que essas tentativas foram um fracasso. Estão também desempenhando o mundo em seu próprio ritmo, saboreando as novas experiências conforme elas acontecem, reconstruindo-as e revisitando-as. A criança, essencialmente, está no controle. Essa exploração ativa, esse envolvimento e esse senso de possuir a atividade e a experiência permitem que a criança se sinta apoiada e satisfeita (Moyles, 2006, p. 124).

Dessa forma, tanto o lúdico quanto a ludicidade são fundamentais para o

desenvolvimento das crianças. Ao brincar, elas não só se divertem, mas também interagem com o mundo ao seu redor, desenvolvem habilidades cognitivas e emocionais e constroem sua identidade. Valorizar as brincadeiras livres é essencial para que os professores ofereçam uma educação mais alinhada com as necessidades das crianças, criando um ambiente de aprendizado mais rico e acolhedor.

Kishimoto (2017, p. 25) afirma que:

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem.

Essa reflexão nos leva a compreender que o brincar, quando promovido de maneira intencional pelo educador, potencializa as oportunidades de aprendizagem, respeitando a espontaneidade da criança e suas necessidades naturais de brincar.

4. RESULTADOS

Esta seção apresenta os achados do estudo sobre o documento da BNCC, com um olhar voltado para o brincar livre, observando suas orientações e relacionando-as com relatos de atividades desenvolvidas em escolas. Os resultados e as discussões estão organizados em dois tópicos: 4.1 O que a BNCC diz sobre o Brincar Livre na Educação Infantil? e 4.2 Possibilidades para o Brincar Livre na Educação Infantil

4.1 O que a BNCC diz sobre o Brincar Livre na Educação Infantil?

Com base nos estudos realizados nos tópicos anteriores, buscamos responder à seguinte questão: o que a BNCC diz sobre o brincar livre na Educação Infantil? Esta pergunta busca entender como o documento orienta e pensa as brincadeiras e interações, que são apresentados como eixos estruturantes da proposta da BNCC para a Educação Infantil.

Foi observado que o termo “*brincadeiras livres*” ou “*brincar livre*” não é utilizado de forma explícita em todos os textos da BNCC. Embora a BNCC enfatize amplamente a relevância do brincar, associando-o à construção do conhecimento e ao desenvolvimento integral das crianças, a falta de clareza sobre o brincar livre revela uma possível lacuna no documento. A Base é um instrumento que estabelece as competências (gerais e específicas), as habilidades e as aprendizagens essenciais para cada etapa da educação básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (SAE, 2018).

Na Educação Infantil, o brincar é reconhecido como uma das principais formas de expressão, interação e exploração do mundo, mas a ênfase parece recair mais sobre o brincar como ferramenta pedagógica, em vez de promover um espaço livre e autônomo para as crianças. A BNCC sugere que as práticas pedagógicas devem respeitar e promover as experiências infantis, garantindo espaços e tempos adequados para que possam vivenciar diferentes tipos de brincadeiras, tanto as dirigidas quanto as livres. Contudo, estudos de Alana (2022) demonstram que é necessário que o brincar livre seja mais explicitamente valorizado e integrado de maneira mais robusta em suas diretrizes.

Essas realidades vivenciadas nos ajudam a pensar em como as crianças precisam mais que nunca brincar livres, para: • manter-se saudáveis - física e emocionalmente • vivenciar situações de bem-estar, de alegria • expandir e dar mais agilidade e destreza aos seus corpos • aprender a conviver e interagir • ampliar seu repertório de brincadeiras (Alana, 2022 p. 27).

O brincar, enquanto direito de aprendizagem e desenvolvimento, é reconhecido e valorizado, mas ao ser inserido na BNCC, observa-se uma certa contradição na forma como é abordado. A BNCC, ao considerar os campos de experiências como: *"O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, fala, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações"*, almeja garantir à criança momentos para a vivência de brincadeiras espontâneas, em que a autonomia, a criatividade e a liberdade sejam desenvolvidas. No entanto, o que se percebe é que, ao sistematizar o brincar dentro de diretrizes rígidas, como sugere a BNCC, o conceito de "brincar livre" acaba sendo restrito e transformado em um instrumento que ainda visa a aprendizagem formal, desconsiderando sua essência como atividade livre e prazerosa.

Alana (2022) afirma que:

O brincar é uma condição de ser! Na infância, brincar propicia o desenvolvimento saudável e integral - motor, cognitivo, sócio emocional, ético e estético. A brincadeira é a principal linguagem da infância, a forma de a criança ser e estar no mundo. Brincar é aprender. O brincar é natural - como essência humana -, mas cultural - como possibilidade. Brincar é perpetuar e atualizar a cultura" (Alana, 2022, p. 17).

Essa citação ressalta a naturalidade do brincar e sua função essencial na formação da criança, que vai além do simples cumprimento de normas curriculares. A estrutura de creches e pré-escolas, atendendo crianças até cinco anos e onze meses, mostra um compromisso com o brincar, mas o texto sugere que a ludicidade é reduzida a uma ferramenta de mediação para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, como se o valor da brincadeira estivesse exclusivamente em seu potencial pedagógico, e não em sua capacidade de proporcionar prazer, livre expressão e socialização.

De acordo com a BNCC (2018):

A Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfiguram, permanentemente, a cultura e potencializam suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas (Brasil, 2018, p. 41).

Contudo, essa visão, embora importante, esbarra na instrumentalização do brincar, sem garantir a devida valorização do brincar livre, uma vez que as atividades propostas são, muitas vezes, estruturadas e orientadas pelo educador, desconsiderando o espaço para a liberdade e a experimentação.

Ao enfatizar o papel do professor como mediador, a BNCC indica que as atividades devem ser planejadas com metas e objetivos claros. Ribeiro (2013) já apontava que metodologias lúdicas são fundamentais no processo de aprendizagem. No entanto, quando o brincar é alinhado exclusivamente ao

cumprimento de metas pedagógicas, a educação infantil corre o risco de se distanciar de uma proposta que respeite a criança como sujeito ativo e criador do próprio aprendizado.

Rodrigues e Rosin (2007), ao refletirem sobre o papel do brincar, afirmam:

Quando a criança brinca, e se relaciona com brinquedos educativos, ela é levada pela mediação do professor e, a partir disso, ela cria, experimenta, monta, usa a imaginação e, através disso, ela começa a distinguir a diferença entre o certo e o errado, assim ela começa a refletir e superar suas limitações (Rodrigues; Rosin, 2007, p. 11).

Essa mediação, porém, precisa ser repensada e ressignificada. Frequentemente, a intervenção pedagógica limita o potencial do brincar livre ao priorizar objetivos de aprendizagem em detrimento da liberdade e do desenvolvimento espontâneo da criança (Prestes, 2024). Estudos demonstram que brincadeiras excessivamente dirigidas comprometem a criatividade e a capacidade de resolução de problemas (Cordazzo; Vieira, 2007; Elkind, 2007).

O ideal, portanto, é encontrar um equilíbrio entre orientação e liberdade, permitindo que a criança explore seu potencial de forma autônoma, sem abrir mão da intencionalidade educativa. Como enfatiza Alana (2022, p. 31), "Apoiar as escolas para que levem as crianças para brincar e participar da vida na cidade, nas praças, parques e para que abram suas portas para receber a comunidade... é necessário fortalecer o brincar livre no currículo da educação infantil." Isso reforça a necessidade de que o brincar não seja apenas uma atividade com finalidades pedagógicas específicas, mas um direito das crianças, respeitado e integrado ao cotidiano escolar, sem as amarras de um currículo que limite sua espontaneidade.

Nery e Sá (2019) ressaltam que todas as decisões relacionadas à compra de produtos e suas estratégias de uso devem ser pedagógicas. Os jogos não são apenas um meio, mas também o caminho para consolidar atividades educacionais. Os professores atuam como mediadores, integrando os alunos a esses jogos e orientando o propósito pedagógico de cada atividade. Essa mediação, quando sensível e atenta ao protagonismo infantil, pode ampliar as possibilidades de aprendizagem sem anular a liberdade criativa das crianças.

Em relação às brincadeiras, é possível afirmar que elas são diversas e multifacetadas. Podem ser realizadas em diferentes espaços, como salas de aula, pátios, corredores, mesas, no chão ou em colchonetes. Não existe uma única fórmula ou meio para promovê-las. Conforme descrito na BNCC (2017, p. 39):

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Os jogos e brincadeiras na educação infantil variam de acordo com os alunos, as turmas e as etapas do ensino, exigindo um planejamento cuidadoso e adaptado às necessidades de cada grupo. Para promover de forma eficaz o desenvolvimento lúdico, é essencial considerar as realidades das instituições, as condições socioeconômicas dos alunos, os jogos disponíveis e o espaço físico oferecido. Além disso, fatores como tempo disponível, contexto cultural, recursos materiais e acesso a instrumentos precisam ser integrados ao planejamento para garantir propostas inclusivas e diversificadas.

Dessa forma, planejar essas ações é vital para o desempenho das aulas e das propostas de ensino. O ato de brincar traz muitos benefícios para quem participa dessa atividade, pois contribui para o desenvolvimento físico, social, intelectual e emocional. A criança supera desafios por meio da brincadeira ou jogo; aprende a cooperar, a lidar com regras, a respeitar os limites e a conviver com as diferenças, incluindo a inclusão de crianças com deficiência (Soares, 2010, p. 12).

A mediação do professor é crucial para que o brincar em sala de aula se torne mais do que um momento de lazer, mas uma prática educativa intencional. Desde o planejamento até a avaliação, o professor desempenha um papel essencial para garantir que as atividades sejam inclusivas e alcancem os objetivos propostos pela BNCC, sem, no entanto, sufocar a espontaneidade do brincar livre. Esse planejamento cuidadoso é vital para evitar dificuldades na aplicação das atividades, especialmente quando se trata da inclusão de alunos com deficiência.

De acordo com Moraes, Coelho e Azevedo (2021), “uma boa forma do professor estimular o lúdico dentro da sala de aula é criar um ambiente satisfatório, onde a criança sinta prazer em ir para a escola e, ainda mais, em permanecer na sala de aula”. Esse ponto de vista destaca a importância do ambiente escolar e o papel do professor na criação de um espaço que favoreça a aprendizagem. Quando o brincar é integrado ao ensino de forma respeitosa à autonomia infantil, ele estimula funções cognitivas, motoras, sociais e emocionais (Nogaro, Fink e Piton, 2015). Jogos e dinâmicas, tanto individuais quanto coletivas, incentivam a criatividade, a organização do pensamento e desafiam os alunos a aprender de forma ativa.

O uso de músicas, desenhos, brincadeiras coletivas e jogos educativos enriquece o processo de ensino, especialmente em temas como alfabetização, números e socialização. Essas estratégias oferecem um acervo didático valioso para a Educação Infantil, permitindo que o professor personalize as atividades conforme os objetivos pedagógicos. Temas transversais como meio ambiente, alimentação saudável, pluralidade cultural e higiene podem ser incorporados às práticas lúdicas, ampliando as possibilidades pedagógicas.

Assim, conforme Alana (2022, p. 35) diz:

O programa Criança e Natureza acredita que, para promover uma infância mais rica em natureza, é importante que existam ações organizadas pelos diferentes setores da sociedade e do poder público. As famílias, as escolas e as estruturas governamentais de educação, saúde, assistência social, meio ambiente e urbanismo podem contribuir para maior aproximação das vivências junto à natureza, promovendo um desenvolvimento mais saudável de todas as crianças nas cidades.

Dentro desse contexto, a ludicidade se posiciona como uma metodologia, um recurso é uma ferramenta mediadora entre os conteúdos da BNCC e o processo de ensino-aprendizagem. Jogos e brincadeiras não apenas promovem o desenvolvimento integral das crianças, mas justificam sua centralidade no planejamento pedagógico como elemento estruturante da prática educativa.

4.2 Possibilidades para o Brincar Livre na Educação Infantil

Após a verificação na BNCC e da magnitude da brincadeira na educação infantil, torna-se primordial pensar sobre as dificuldades e as possibilidades para a efetivação e valorização dessa prática no dia a dia escolar. O brincar livre se apresenta como uma ação pautada para o desenvolvimento contínuo das crianças,

permitindo que elas busquem o ambiente e se envolvam com o mundo de forma espontânea e criativa.

Para aprofundar esse debate, o Quadro 1 a seguir demonstra uma seleção de artigos e monografias que enfatizam as principais informações sobre o brincar livre na educação infantil, ajudando no entendimento de sua importância no âmbito pedagógico e dos caminhos possíveis para sua implementação ser consolidada nas atividades em ambiente escolar.

Quadro 1 - Artigos e Monografias utilizados para destacar as principais informações sobre o brincar livre na educação infantil.

ID	Ano	Autores	Artigos	Principais achados sobre o Brincar Livre e a Educação Infantil
1	2006	Queiroz, Maciel e Branco	Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista.	O brincar livre na Educação Infantil é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, estimulando criatividade, autonomia, socialização e aprendizagem simbólica. A atuação do professor deve ser mediadora, respeitando a espontaneidade e promovendo a construção de significados.
2	2011	Kishimoto	Jogo e letramento: crianças de 6 anos no ensino fundamental.	O estudo aponta que o brincar livre, aliado ao letramento, favorece a integração de crianças de 6 anos e ajusta-se às suas necessidades cognitivas e sociais, sendo mais eficaz quando mediado por dois docentes e respaldado por um currículo lúdico e estruturado
3	2018	Santos	Currículo da educação infantil-considerações a partir das experiências das crianças	O estudo evidencia que as falas e ações das crianças revelam experiências significativas que devem orientar um currículo por campos de experiência na Educação Infantil, valorizando o protagonismo infantil e a escuta sensível dos educadores para construir práticas pedagógicas contextualizadas e não fragmentadas.
4	2021	Santos e Corrêa	Revisão integrativa da literatura: O brincar livre na educação infantil	A pesquisa revela que o brincar livre ainda carece de maior articulação entre teoria e prática nas instituições de Educação Infantil, exigindo que professores e escolas compreendam sua dimensão pedagógica e atuem como mediadores para qualificar o processo de ensino-aprendizagem.

Fonte: A autora, 2025.

Diante o Quadro 1 exposto, discutiremos os principais achados nesta análise, com foco nas possibilidades de agregar o brincar livre no ambiente escolar. Debateremos os desafios estruturais e pedagógicos que restringem sua efetivação, bem como ações para superá-las, abordando a importância da autonomia infantil e da formação dos educadores. Todavia, destacamos como a reorganização de espaços e tempos, em conjunto com as políticas públicas, pode auxiliar experiências lúdicas importantes. Assim, refletimos sobre a função do docente e da comunidade na valorização do brincar como direito primordial ao desenvolvimento integral dos alunos.

Logo, Santos e Corrêa (2021) menciona que:

A importância do brincar da criança nos primeiros anos de vida e que vários fatores relacionados ao brincar influenciam no desenvolvimento infantil. O brincar é uma atividade dinâmica e subjetiva, uma ferramenta para a aprendizagem em contexto sociocultural que acontece naturalmente, em um processo de relações interindividuais que se deve levar em consideração os diferentes sujeitos envolvidos, as diferentes gerações e os fatores externos (social e cultural) (Santos; Corrêa, 2021, p. 951).

No entanto, essa prática ainda enfrenta entraves estruturais e pedagógicos nas instituições educativas, como evidenciado por Pazutti (2018, p. 18), que aponta a presença de barreiras que limitam sua efetivação. No trabalho de Maia (2023), destaca-se que o ensino remoto no meio da pandemia prejudicou a implementação dos eixos de interações e brincadeiras na educação infantil, comprometendo o brincar livre e o desenvolvimento integral das crianças.

Entre os principais obstáculos, destacam-se a pressão por cumprir conteúdos curriculares e a formação insuficiente dos professores para lidar com práticas lúdicas de maneira sensível e não diretiva (Maia, 2023, p. 32). Muitas vezes, o planejamento pedagógico prioriza atividades orientadas que acabam por restringir a autonomia das crianças, limitando suas interações espontâneas com os colegas e com o espaço escolar. Conforme observa Pazutti (2018), essa realidade evidencia a necessidade de promover um equilíbrio entre os conteúdos curriculares e as experiências lúdicas que respeitam os interesses e ritmos infantis.

Além disso, Pazutti (2018) Destaca que o brincar livre, especialmente o faz de conta, é essencial para que as crianças expressem desejos, construam narrativas e desenvolvam autonomia, sendo fundamental que o educador adote uma escuta sensível para compreender e valorizar essas manifestações simbólicas no cotidiano escolar. Sendo assim Santos e Corrêa (2021) diz que:

O brincar representa uma importante ferramenta quando se trata de assuntos relacionados ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor das crianças. No brincar é que a criança desenvolve novas experiências de vida, não existindo um formato ou um padrão que imponha limites à sua imaginação. A criança é um ser em desenvolvimento, que se comunica, vive e interage no mundo com maneiras e formas originais. Se identifica através da imaginação, do movimento, do afeto, do prazer, da imaginação e da brincadeira (Santos; Corrêa, 2021, p. 946)

Embora a BNCC reconheça o brincar como uma abordagem central de aprendizagem, ao vinculá-lo a metas pedagógicas previamente definidas, há o risco de reduzir sua potência expressiva. Segundo Kishimoto (2011):

O documento chama a atenção para a aproximação de temas como alfabetização /letramento/ brincadeira, que, historicamente, estiveram

distanciados do currículo da escola. O brincar é tratado como 'um modo de estar no mundo (...) uma expressão legítima e única da infância (...) um dos princípios para a prática pedagógica'. A brincadeira é entendida como 'possibilidade para conhecer mais as crianças e as infâncias que constituem os anos/séries iniciais do ensino fundamental de nove anos', e sugere-se que seja contemplada 'nos tempos e espaços da escola e das salas de aula' (Kishimoto, 2011 p. 194).

Logo, quando o brincar passa a ser tratado apenas como um meio para atingir objetivos didáticos, sua essência espontânea e imaginativa se enfraquece (BNCC, 2018). Nessa perspectiva, Pazutti (2018) alerta que tal instrumentalização compromete o caráter livre da brincadeira, esvaziando sua dimensão de prazer, descoberta e criatividade.

A imposição de roteiros fixos e a constante intervenção do adulto podem comprometer a autonomia e a capacidade investigativa das crianças, interferindo em seu processo de desenvolvimento. Kishimoto (2011) e Pazutti (2018) argumentam que, ao limitar a liberdade infantil com estruturas rígidas, perde-se parte da riqueza que a experiência lúdica proporciona. O brincar livre, portanto, não deve ser reduzido a uma função pedagógica utilitária, mas compreendido como uma linguagem própria da infância, por meio da qual a criança experimenta, comunica e constrói sentidos. Assim, Queiroz, Maciel e Branco (2006) destaca que:

O desenvolvimento humano para eles se distancia da forma como é entendido por outras teorias psicológicas, por ser visto como um processo cultural que ocorre necessariamente mediado por um outro social, no contexto da própria cultura, forjando-se os processos psicológicos superiores, sendo a psique humana, nesta perspectiva, essencialmente social Queiroz, Maciel e Branco (2006 p, 171).

Queiroz, Maciel e Branco (2006) reforçam essa visão ao destacar que o brincar livre permite à criança explorar diferentes formas de comunicação, expressar sentimentos e criar narrativas próprias, sem a necessidade de cumprir um objetivo curricular imediato. Portanto, Queiroz, Maciel e Branco (2006):

A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Em situações dela bem pequena, bastante estimulada, é possível observar que rompe com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento. Além disso, as crianças usam objetos para representar coisas diferentes do que realmente são: pedrinhas de vários tamanhos podem ser alimentos diversos na brincadeira de casinha, pedaços de madeira de tamanhos variados podem representar diferentes veículos na estrada. Na brincadeira, os significados e as ações relacionadas aos objetos convencionalmente podem ser libertados Queiroz, Maciel e Branco (2006, p. 172.).

Dessa forma, o brincar livre amplia as possibilidades de socialização e subjetivação, constituindo-se como direito e não como meio para fins externos à criança. No entanto, é possível superar os obstáculos impostos por práticas escolarizadas. Pazutti (2018, p. 8) aponta experiências exitosas de escolas que organizam seus espaços e tempos para promover a autonomia infantil, possibilitando brincadeiras espontâneas e ricas em significado, sem intervenções excessivas.

Santos e Corrêa (2021, p. 946) reforçam que não há um formato único para

brincar, já que cada criança se comunica e se desenvolve por meio de formas originais que envolvem imaginação, movimento, afeto e prazer. Isso implica reconhecer o brincar como experiência vital de expressão e construção de identidade. Valorizar essa prática exige que a ação pedagógica se alinhe aos direitos da infância, garantindo espaços de liberdade e respeitando os tempos e modos de ser de cada criança. Todavia Santos (2018) destaca que:

A proposição de um currículo por campos de experiência consiste em centralizar no projeto educativo de creches e pré-escolas as ações, as falas, os saberes e os fazeres das crianças que, interpretados e significados pelos/as professores/as de Educação Infantil, podem ser traduzidos em novas situações educativas (Santos, 2018, p. 6)

Ampliando-se assim o currículo centrado na criança, para isso, é fundamental que a formação docente seja reorientada, de modo a reconhecer o brincar livre como direito e não apenas como estratégia didática. O papel do professor deve se transformar em facilitador das experiências lúdicas, atuando com escuta atenta e sensibilidade às manifestações infantis (Pazutti, 2018, p. 24). Assim, Santos (2018) destaca ainda que:

A investigação que pretende realizar a interlocução com as crianças não depende somente de um “sim” ou um “não” ou uma assinatura delas nos termos de consentimento livre e esclarecido, mas também de um consentimento que é outorgado de modo implícito, subentendido (Santos, 2018, p.15).

Essa mudança requer também a criação de ambientes e tempos acessíveis ao brincar. Conforme destaca Pazutti (2018), a reorganização dos espaços escolares, com participação da comunidade e das famílias, amplia as oportunidades de exploração e imaginação, favorecendo o desenvolvimento integral.

Além da atuação pedagógica, é necessário um compromisso coletivo envolvendo professores, gestores e famílias na defesa de uma educação que respeite a proatividade infantil. Logo, Santos (2018) ressalta que compreender o brincar como parte essencial da infância demanda a revisão das práticas institucionais e das diretrizes curriculares vigentes. Nesse sentido, políticas públicas que assegurem espaços adequados e tempo livre para a brincadeira nas escolas são essenciais. Outrossim, Kishimoto, 2011 ressalta como será a reorganização curricular prioriza o lúdico:

Para a implantação do Ensino Fundamental de nove anos, a Escola de Aplicação viu-se diante da necessidade de repensar os espaços educativos, materiais didáticos, mobiliário e equipamentos, para atender às crianças de seis anos. Neste momento, surgiu, ainda, a oportunidade de rever currículos, conteúdos, práticas pedagógicas e de repensar todo o Ensino Fundamental. O desafio era a criação de uma nova estrutura curricular diferente daquela oferecida aos ingressantes do 1º ano do ensino fundamental de oito anos, que passavam a maior parte das quatro horas de aula dentro da sala, convivendo com um modelo curricular contendo duas aulas de Ciências, duas de História e Geografia, seis de Matemática e seis de Português, com pouco espaço para o jogo Kishimoto, 201,1 p. 195).

Pazutti (2018, p. 25) destaca que a construção de ambientes mais inclusivos e acolhedores, aliada à revisão curricular, pode romper com modelos tradicionais que limitam a experiência infantil.

Integrar o brincar livre de forma consistente na rotina escolar contribui para a formação de crianças mais autônomas, criativas e empáticas, capazes de enfrentar os desafios sociais com imaginação e flexibilidade (Pazutti, 2018). Contudo, como observa a mesma autora (2018, p. 28), o ambiente escolar ainda carece de estímulos adequados, com predominância de brinquedos estruturados e ausência de espaços abertos que favoreçam a livre exploração. A convivência entre crianças de diferentes idades, por sua vez, enriquece o brincar, promovendo solidariedade e aprendizados por meio da observação e da interação (Pazutti, 2018).

Nesse processo, a postura do educador é decisiva. Professores que adotam uma atitude acolhedora e não diretiva tornam-se parceiros no processo de aprendizagem, permitindo que os alunos expressem livremente seus pensamentos e emoções (Pazutti, 2018, p. 42). Queiroz, Maciel e Branco (2006, p. 178) enfatizam a importância de reconhecer o brincar como princípio do desenvolvimento infantil, conforme previsto no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, reafirmando-o como conquista dos direitos da criança.

Por fim, é imprescindível destacar o papel das famílias na valorização do brincar livre. Pazutti (2018, p. 50) defende que o fortalecimento do vínculo entre a escola e a comunidade amplia a compreensão do brincar como direito, consolidando redes de apoio e contribuindo para um ambiente escolar mais inclusivo. Assim, a revisão das práticas pedagógicas e das políticas educacionais é condição essencial para consolidar o brincar livre como parte inseparável da infância, promovendo uma educação mais humana, criativa e comprometida com o desenvolvimento integral das crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apontou que, apesar de a BNCC destacar o brincar como ferramenta importante da educação infantil, há uma controvérsia entre seus meios teóricos e a prática pedagógica. Deste modo, o documento destaca a relevância das brincadeiras livres para o desenvolvimento contínuo, sua implementação muitas vezes é dependente dos objetivos curriculares formais, diminuindo o poder de decisão e a improvisação da criança. Essa tensão entre liberdade e mediação do professor destaca uma problemática crucial, visto que devemos guiar as crianças sem controlar demais a sua liberdade.

Quanto aos objetivos propostos, todos foram atendidos ao descrever que o brincar livre vai além da ludicidade como ferramenta pedagógica, sendo um direito primordial da criança. A avaliação da BNCC mostrou que, embora o termo "brincar livre" não seja explicitamente descrito, os campos de experiência abrem espaço para atividades criativas. Todavia, a falta de diretrizes condizentes sobre sua implementação prática resulta em uma abordagem indecisa, que varia entre a valorização teórica e o uso controlado das brincadeiras para fins de aprendizagem.

Com relação aos benefícios, confirmou-se que o brincar livre é importante para o desenvolvimento cognitivo, motor e psicossocial, no qual proporciona criatividade, resolução de problemas e interação. Entretanto, a pressão por cumprir metas curriculares e a formação insuficiente dos educadores têm diminuído o tempo e os espaços fornecidos a essa atividade. A padronização de atividades lúdicas, muitas vezes dirigidas, acaba por excluir a liberdade exploratória das crianças.

A pesquisa também destacou a necessidade de repensar o papel do educador, que deve atuar como facilitador e não como condutor excessivo das brincadeiras. A mediação sensível, baseada na escuta e na observação, é essencial

para respeitar o protagonismo infantil sem abandonar a intencionalidade pedagógica. Experiências exitosas mostraram que é possível integrar o brincar livre ao currículo quando há flexibilidade no planejamento e investimento em ambientes adequados.

As políticas públicas precisam assegurar condições estruturais e formativas para que o brincar livre seja efetivamente valorizado. Isso inclui a criação de espaços abertos, a garantia de tempo não fragmentado e a participação da comunidade escolar na defesa desse direito. A BNCC, enquanto diretriz nacional, deveria ser mais explícita em suas orientações, evitando que o brincar livre seja secundarizado em prol de demandas acadêmicas precoces.

Além disso, é fundamental que as instituições de formação docente incorporem em seus currículos discussões profundas sobre a importância do brincar livre, preparando futuros educadores para atuar como mediadores reflexivos. A articulação entre teoria e prática na formação inicial e continuada pode romper com modelos tradicionais que ainda enxergam o brincar como atividade secundária. Somente com uma base teórica sólida e experiências práticas significativas os professores poderão efetivamente conciliar os objetivos da BNCC com a garantia de um brincar espontâneo e significativo. Essa transformação na formação é um passo decisivo para materializar na sala de aula o direito da criança ao brincar livre.

Por fim, o estudo reforça que o brincar livre não é um mero recurso didático, mas uma linguagem essencial da infância, capaz de integrar aprendizagem, prazer e desenvolvimento humano. Seu potencial só será plenamente realizado quando as práticas educacionais priorizarem a autonomia infantil, respeitando seus ritmos e interesses. O título do trabalho, "O Brincar Livre na Educação Infantil: Reflexões a Partir da BNCC", sintetiza essa busca por conciliar teoria e prática, apontando caminhos para uma educação mais alinhada às necessidades das crianças.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jonathan Fernandes; VIEIRA, Camila Nagem Marques; MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. **Lúdico, ludicidade e atividade lúdica: diferenças e similaridades**. 2018.

ALANA. **Direito ao Brincar**. 2022. Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2022/11/direito-ao-brincar.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025.

ANA, Wallace Pereira Sant; LEMOS, Glen Cézar. Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 4, n. 12, 2018.

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ANA, Wallace Pereira Sant; LEMOS, Glen Cézar. Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 4, n. 12, 2018.

BACELAR, Vera Lúcia Da Encarnação. **Ludicidade e Educação Infantil**. Salvador, EDUFBA, 2009. 144 p.

BATISTA, Leonardo dos Santos; KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. **Revista brasileira de iniciação científica**, p. e021029-e021029, 2021.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 30 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, 1990

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAMPBELL, Mhairi *et al.* Synthesis without meta-analysis (SWiM) in systematic reviews: reporting guideline. **bmj**, v. 368, 2020.

CAREGNATO, Sonia Elisa. Google Acadêmico como ferramenta para os estudos de citações: avaliação da precisão das buscas por autor. **Ponto de acesso**, v. 5, n. 3, p. 72-86, 2011.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 7, n. 1, p. 92-104, 2007.

COSTA, Andrize Ramires. As crianças e o brincar no contexto escolar: tempos (in) sensíveis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 42, p. e2061, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.42.2019.207>

COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Claudia Broetto; MISSAWA, Daniela Dadalto Ambrozine. A importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica. **Construção psicopedagógica**, v. 27, n. 28, p. 37-47, 2019.

DIAS, Isabel Simões; CORREIA, Sónia; MARCELINO, Patrícia. Desenvolvimento na primeira infância: características valorizadas pelos futuros educadores de infância. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 7, n. 3, p. 9-24, 2013. DOI: <https://doi.org/10.14244/19827199483>

ELKIND, David. **The power of play: Learning what comes naturally**. Balance, 2007.

FILIPE, Fabiana Alvarenga; SILVA, Dayane dos Santos; COSTA, Áurea de Carvalho. Uma base comum na escola: análise do projeto educativo da Base Nacional Comum Curricular. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 29, p. 783-803, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002902296>

FREDERICO, Rubia Tatiana Santana de Souza; SILVA, Cláudia Sebastiana Rosa. A aprendizagem lúdica na educação especial e inclusiva. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 18, 2020.

FROEBEL, Federico. La educación del hombre. **Biblioteca virtual universal**, 2003. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/88736.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZAGA, Elaine. **Ludicidade e Educação Infantil**: Um caminho para o desenvolvimento integral da criança. São Paulo: Cortez, 2009.

GOMES, Maxwell da Silva; GOMES, Eli Shalon dos Santos Cunha. A importância da ludicidade na educação especial e inclusiva. **Revista Psipro**, v. 1, n. 1, p. 26-39, 2022.

JURDI, Andrea Perosa Saigh; SILVA, Carla Cilene Baptista; LIBERMAN, Flavia. Inventários das brincadeiras e do brincar: ativando uma memória dos afetos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. 65, p. 603-608, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0978>

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida *et al.* Jogo e letramento: crianças de 6 anos no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 01, p. 191-210, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez editora, 2017.

LIMA, Janiara Almeida Pinheiro. O jogo, a gamificação e o lúdico no ensino de geografia durante a pandemia da covid-19. **UÁQUIRI-Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre**, v. 3, n. 1, p. 10-10, 2021.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e formação do professor. **Revista entreideias**, Salvador, v.3, n.2; 2014.

NASCIMENTO, Nayara Cristina Santos *et al.* Neurociência do aprendizado: a importância do lúdico para o desenvolvimento da criança. In: **OPEN SCIENCE RESEARCH I**. Editora Científica Digital, 2022.

NERY, Érica Santana Silveira; SÁ, Antônio Villar Marques de. A deficiência visual em foco: estratégias lúdicas na Educação Matemática Inclusiva. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 1-26, 2019.

NILES, Rubia Paula; SOCHA, Kátia. A importância das atividades lúdicas na educação infantil. **Ágora: Revista de divulgação científica**, v. 19, n. 1, p. 80-94, 2014.

NOGARO, Arnaldo; FINK, Alessandra Tiburski; PITON, Marta Regina Guerra. Brincar: reflexões a partir da neurociência para a consolidação da prática lúdica na

educação infantil. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 15, n. 66, p. 278-294, 2015.

MAIA, Sthéfanny Lourranny Silva. **Avaliação na educação infantil em tempos de ensino remoto: um olhar para os eixos interações e brincadeiras**. 68 p. 2023. Monografia (Graduação) Fundação Universidade Federal Do Tocantins, Curso De Pedagogia, Campus De Tocantinópolis-TO, 2023.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; SANTOS SILVA, Luzia Guacira. **Educação Especial e Inclusiva: Reflexões, Pesquisa, Práticas e Formação de Professores**. Editora Appris, 2023.

MASSA, Monica de Sousa. Ludicidade: da etimologia da palavra à complexidade do conceito. **Aprender-Caderno de filosofia e psicologia da educação**, n. 15, 2015.

MORAES, Giane Severino Correa; COELHO, Helda Gomes; AZEVEDO, Gilson Xavier de. A importância do lúdico na Educação Infantil. **REEDUC-Revista de Estudos em Educação (2675-4681)**, v. 7, n. 2, p. 96-125, 2021.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos da Criança, 20 de Novembro de 1959**. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf. Acesso em: 18 fev. 2025.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Convenção sobre os Direitos da Criança**, de 20 de novembro de 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 18 fev. 2025.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. Oiticica. - 4. ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro: LTC, 2017.

PAZUTTI, Leandra Rebello Montemuro. **O livre brincar das crianças na escola: uma escuta sensível para o faz de conta**. 2018. 53 p. Monografia apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2018.

PRESTES, Andressa Marques. **A brincadeira livre também se aprende! Reflexões sobre a mediação docente na Educação Infantil**. 2024. 45 p. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 16, p. 169-179, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000200005>

RIBEIRO, Suely de Souza. **A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância**. 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia>. Acesso em: 23 ago.

2024.

RODRIGUES, Eliane; ROSIN, Sheila Maria. **Infância e práticas educativas**: Eduem; 2007.

SAE Digital. **BNCC: O que é a Base Nacional Comum Curricular e qual é o seu objetivo**. Blog SAE Digital. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://sae.digital/bncc-o-que-e-qual-e-o-seu-objetivo/#:~:text=Afinal%2C%20o%20que%20%C3%A9%20a,Ensino%20Fundamental%20e%20Ensino%20M%C3%A9dio>. Acesso em: 06 jan. 2025.

SAMPAIO, Tiago Santos *et al.* Revisão sistemática integrativa: proposta de abordagem metodológica qualitativa. **Revista de Administração e Contabilidade da UNIFAT**, v. 14, n. 2, 2022.

SANTANA, Maria da Conceição Costa. **A importância do brincar no desenvolvimento infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba, 2020.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Currículo da educação infantil-considerações a partir das experiências das crianças. **Educação em Revista**, v. 34, p. e188125, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698188125>

SANTOS, Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega; CORREA, Elisabeth Ângela Mamede. Revisão integrativa da literatura: O brincar livre na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 945-964, 2021.

SILVA, Antônio Carlos; GONÇALVES, Maria Aparecida. **Brincar na Educação Infantil**: Implicações para o Desenvolvimento Cognitivo. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Daniel Neves. **Revolução Industrial**. S.D. História do mundo. © 2025. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/revolucao-industrial.htm>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

OLIVEIRA, Rosenna Carvalho. **Ludicidade: a importância dos jogos e brincadeiras na inclusão escolar dos alunos com transtorno do espectro do autismo (TEA) no ensino fundamental**. 2022. 16 p.

TEIXEIRA, Sônia; VOLPINI, José Roberto. **Ludicidade e Educação**: caminhos para a aprendizagem na infância. Campinas: Papirus, 2014.

TIRIBA, Lea Vargas; SANTOS, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos; SCHAEFER, Kátia Almeida Bizzo. Na contramão da BNCC: do emparedamento colonizador ao livre brincar. **Educar em Revista**, v. 39, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.86018>

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e à Nossa Senhora, que me sustentaram com suas infinitas graças e iluminam meus passos nos momentos mais difíceis. Foi na fé que encontrei forças e ânimo para seguir em frente e superar cada desafio.

À minha mãe, meu porto seguro, que se sobrecarregou tantas vezes para que eu pudesse me dedicar plenamente aos meus estudos. Sua garra e coragem, seu amor incondicional, sua força e sacrifício são a base de tudo que conquistei. Este sonho é dela tanto quanto é meu.

Ao meu namorado que com paciência, carinho e palavras de encorajamento me sustentou nos dias em que o cansaço, a angústia e a ansiedade quase me fizeram desistir. Sua confiança em mim me incentivou, e por isso, sou eternamente grata.

Às minhas amigas da faculdade, verdadeiras companheiras de alma e coração, que caminharam comigo nesta jornada com tanto amor. Em cada momento de dificuldade, suas mãos estavam sempre estendidas, seus conselhos sempre prontos e seus apoios constantes. Com vocês, compartilhei risos, lágrimas, conquistas, perdas, medos e noites insones e foi essa irmandade que me deu forças para seguir. Nossa união fez dessa caminhada algo mais leve e significativo, e essa conquista, sem dúvida, também é de todos nós.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora Dr^aKamila Karine por todo compromisso, parceria e, principalmente, por toda paciência nessa árdua trajetória. Sem ela, este sonho se tornaria ainda mais distante.